

O Suave Milagre, em português
e em três variedades de tétum

O Suave Milagre, em português e em três variedades de tétum

Eça de Queirós

Título: **O Suave Milagre, em português e em três variedades de tétum**

[tétum-praça, tétum de Fatumea e tétum de Welaluhu] – 2.ª ed.

Autor:

Eça de Queirós

Tradutores

para tétum-praça: **João Paulo Tavares Esperança** e **Denávia Nerissa Correia dos Santos**

para tétum de Fatumea: **João Paulo Tavares Esperança** e **Mariza Noronha Ximenes**

para tétum de Welaluhu: **João Paulo Tavares Esperança** e **Bonifácia da Costa Magalhães**

Imagem na capa:

Sermão na Montanha, pintura do pintor dinamarquês Carl Heinrich Bloch (1834 – 1890)

As imagens incluídas no interior vieram da **Wikipedia**, e o seu uso é permitido. Algumas não têm lá a indicação de quem foi o autor, a fotografia da flor anémoma é de **Zachi Evenor** e a fotografia da oliveira é de **Bernini123**.

Publicado por:

Magar-Lelo - Edições e Traduções

Rua de Raitogoto, Liquiçá

Timor-Leste

Impressão e distribuição:

Bookmundo

Data:

abril de 2025

ISBN: **9789403796345**

© O texto original em português está em domínio público. Os tradutores para tétum são os titulares dos direitos de autor das traduções (art. 32.º e art. 115.º da Lei n.º 14/2022, de 21 de dezembro) e os direitos de publicação, reprodução e comercialização pertencem à editora Magar-Lelo.

1 Prefácio

Comecei por traduzir o “O Suave Milagre” para tétum-praça em colaboração com a Nerissa, e publicámos essa tradução. Depois, porque eu queria aumentar os meus conhecimentos sobre outras variedades da língua tétum e esta é uma excelente maneira de o fazer, trabalhei com a Mariza para traduzirmos o texto para o tétum de Fatumea (região de Covalima/Suai), que é a terra dela. A Mariza é falante nativa deste dialeto da língua tétum. A seguir, tive a oportunidade de traduzir, com a Bonifácia, o conto para uma variedade mais do tétum, a de Welaluhu (região de Fatuberliu), de que ela é falante nativa. Numa época em que a expansão vertiginosa do tétum-praça (aumentada pelo seu estatuto como língua oficial ao lado do português) está a ameaçar cada vez mais a transmissão às novas gerações de muitas línguas regionais, e de outros dialetos do tétum, parece-me importante valorizar a gente jovem que ainda domina os idiomas dos seus avós. Acredito que a promoção e a valorização das línguas regionais e das línguas étnicas (incluindo também o hakka dos sino-timorenses) deve ser feita não contra as línguas oficiais, mas em complemento a estas. O fator mais importante para a sobrevivência de uma língua é a transmissão dentro da família e o nosso desafio, atualmente, é mostrar aos pais e avós que as crianças não serão prejudicadas no seu percurso escolar e profissional se souberem outras línguas de Timor, além das oficiais.

Porquê “O Suave Milagre”? Bem, depois do Vaticano, Timor-Leste é, no mundo inteiro, o Estado com maior percentagem da sua população católica. Pensei que, dado o tema religioso do texto, poderia conseguir que as traduções fossem lidas e partilhadas mesmo por pessoas que habitualmente não leem romances ou contos de ficção. Para além disso, o seu autor, Eça de Queirós, é um grande escritor da literatura universal. Se é possível ler em tétum Eça de Queirós, isso é mais um argumento contra os que dizem que o tétum não tem valor e não serve para escrever a grande literatura.

Os meus filhos frequentam a Escola Portuguesa de Díli. Esta Escola desempenha um importante papel na educação nesta cidade, daí que seja frequentada por muitos dos filhos das elites políticas e culturais de Timor-Leste, elites essas que, naturalmente, preferem um ensino de qualidade para a sua família. Creio que a

maior parte do corpo docente faz um esforço para estudar e aprender sobre o país em que desempenha o seu labor, mas ocasionalmente alguns dos seus professores dizem coisas que demonstram estarem mal informados sobre Timor e as suas línguas. Um exemplo foi quando ouvi uma professora dizer numa reunião que o tétum era uma língua pobre que não permitia falar sobre assuntos como a poesia trovadoresca medieval de Portugal e Galiza – naturalmente tratei logo de gravar uma aula em tétum sobre a poesia dos trovadores, que coloquei no YouTube. Outra coisa que me parece francamente errada é a forma como alguns docentes pretendem fazer o policiamento das línguas que as crianças falam no intervalo – devem fazer isso dentro da sala, mas o recreio é um tempo de convívio, distração e relaxamento dos miúdos e estes devem poder exprimir-se nas línguas que quiserem. Uma vez, uma professora atreveu-se a repreender a minha mulher por estar a falar tétum com uma das minhas filhas pequenas enquanto a acompanhava para a sua sala! Ora, essa minha filha fala sempre tétum com a mãe, português comigo, e tocode com duas moças que moram connosco, e nenhuma professora tem qualquer autoridade para se imiscuir nas línguas que a minha família fala entre si! É importante que as pessoas – incluindo os professores – compreendam que as crianças podem aprender em simultâneo várias línguas sem que isso constitua um problema. Precisamente por os estudos científicos mostrarem isso é que a tendência na Europa é promover o ensino precoce de línguas segundas e línguas estrangeiras, em muitos países avançados logo na pré-escola ou no primeiro ano da escola primária. Como, aliás, sabem os filhos de emigrantes a residir noutra parte do mundo, que habitualmente falam uma língua em casa e outra na escola. Imagine-se como se sentiria a tal professora portuguesa se emigrasse para a França e uma professora da escola dos seus filhos a repreendesse por falar em português com eles!

Ninguém de fora da família deve ter a pretensão de mandar nas escolhas de política linguística de cada família. Mas podemos dar conselhos, com base no que aprendemos nos nossos estudos e com as experiências de outros povos. O conselho que costumo dar aos meus amigos timorenses é diversificar: os agregados familiares aqui costumam ter muita gente, de várias gerações, frequentemente com competências linguísticas diversas, por isso não custa nada que haja pelo menos uma pessoa que fale com os bebés, desde que nasçam, na língua dos avós, e, se houver alguém que saiba português na família, esse familiar pode dirigir-se-lhes sempre neste idioma, fazendo com que este seja mais uma das várias línguas maternas da criança, logo que aprenda a falar. E todos sabemos que dominar o português irá abrir muitas portas e janelas na vida dessas crianças.

Isto leva-nos a outra questão importante, que é a escassez de livros em tétum. Já para não falar da quase inexistência de livros em outras línguas autóctones! Os ativistas antiportuguês veem alguém publicar um só livrinho para crianças de seis anos de idade em isní ou em lacalei e ficam eufóricos, achando que já podem erradicar o português do sistema de ensino até depois da puberdade dos estudantes, mas isso só funciona se houver uma intenção real de fechar os alunos isolados numa caixinha sem janelas... e sem biblioteca. A promoção da leitura em línguas regionais deve ser feita em simultâneo com a promoção da leitura em português e em tétum, não em substituição da leitura nestas duas línguas oficiais. É preciso que as políticas partam da realidade que existe. Em Timor-Leste, nos dias de hoje, é comum as crianças aprenderem tétum, ao lado ou não de uma língua regional, logo desde pequeninas, e comecem a aprendizagem do português quando chegam à escola (ainda que possam já saber antes cantigas neste idioma, como o “Bom Barqueiro”, de um jogo infantil muito popular). Assim, devemos almejar a que uma criança na escola pré-secundária tenha já um nível de domínio do português para ler livros nesta língua, mas começar por seduzi-la para a leitura logo na escola primária com livros numa língua que ela então já domine, particularmente em tétum. O que implicará um programa do Estado de publicação e disponibilização de uma biblioteca básica de literatura infantil universal traduzida. Alguns puristas do nativismo acham heresia propor que os alunos leiam traduções de livros de autores estrangeiros, porque parecem pensar que as crianças timorenses são incapazes de compreender histórias em que haja comboios por não haver comboios aqui. Que tolice! Na minha infância numa zona rural de Ílhavo, Portugal, não havia naves espaciais nem mulheres especialistas em paleontologia, mas não me fez mal nenhum ler sobre lugares onde existiam. E antes de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada se terem imposto como escritoras de sucesso na literatura infantil portuguesa com a sua coleção “Uma Aventura”, a minha geração já lia as coleções “Os Cinco” e “Os Sete”, de Enid Blyton, traduzidas do inglês. Para que surjam muitos escritores a escrever bem em tétum, é necessário que haja antes muitas crianças e jovens a ler livros bem escritos publicados em tétum.

Existe variedade em todas as línguas. O número 18 na minha terra-natal lê-se «dezôito», em Lisboa «dezóito» e em Timor «dezaioito». Se um falante de português do Brasil e um falante de português de Portugal pedem «Faz logo!», a tradução para tétum do que disse o primeiro é «*Halo kedas!*» e do que disse o segundo é «*Halo orsida!*». Se um brasileiro diz «Fala logo!», o português dirá, na mesma situação, «Diz depressa!» ou «Diz já!». Da mesma forma, se um diliense ou um falante de